

TENSÃO CHINA-EUA: STRIKE GROUPS MOSTRAM OS EUA FORTALECENDO SUA PRESENÇA NO INDO-PACÍFICO

Por Albert Caballé Marimón*



O porta-aviões classe Nimitz USS Carl Vinson (Foto: US Navy).

Analistas militares dizem que implantação regular de grupos de ataque de porta-aviões no Indo-Pacífico indica que os EUA continuarão a fortalecer sua presença militar na região; Especialistas navais, oficiais militares e estaleiros chineses acompanharam de perto o teste de choque do USS Gerald Ford para possíveis lições.

O grupo de ataque do porta-aviões USS *Carl Vinson* deve monitorar a Marinha chinesa no Indo-Pacífico, preenchendo a lacuna deixada pelo USS *Ronald Reagan* que se dirige ao Oriente Médio para apoiar os militares dos EUA durante a retirada do Afeganistão, de acordo com a US Navy.

Especialistas militares disseram que a implantação regular de grupos de ataque de porta-aviões (CSG, *Carrier Strike Group*) na região indica que os Estados Unidos continuarão a fortalecer sua presença militar visando contrapor a assertividade da Marinha do Exército de Libertação Popular da China no Estreito de Taiwan e no Mar do Sul da China.

O grupo do *Carl Vinson*, que recebeu uma grande atualização que durou 17 meses, incluindo o recebimento das novas aeronaves F-35C Lightning II e CMW-22B Osprey, tem conduzido exercícios próximos do Havaí com outras unidades de combate da Marinha desde a semana passada, enquanto se prepara para uma implantação na região do Indo-Pacífico, de acordo com um comunicado da Marinha americana na terça-feira.

O treinamento do *Vinson* perto do Havaí foi visto como uma demonstração da presença militar dos EUA na região do Pacífico, com a nova implantação ocorrendo em meio às tensões nas relações entre os EUA e a China, informou o US Naval Institute. As autoridades americanas repetidamente caracterizaram a China como a “ameaça de ritmo” dos militares americanos.

Lu Li-shih, ex-instrutor da Academia Naval de Taiwan em Kaohsiung, disse que o envio de dois grupos de ataque de porta-aviões ao Indo-Pacífico se transformou na presença militar regular dos Estados Unidos na região desde que a administração do ex-presidente Donald Trump classificou a China como uma ameaça à segurança nacional dos EUA no ano passado, postura herdada por seu sucessor Joe Biden.

“A implantação de dois grupos de ataque de porta-aviões – ou de um CSG e um grupo de ataque expedicionário (MEU, *Marine Expeditionary Group*) apoiado por navios de assalto anfíbios classe America na região – tornou-se uma combinação normal para os Estados Unidos nos últimos dois anos”, disse Lu.

“A coisa mais digna de nota é saber se os EUA movimentarão todas as suas tropas, equipamentos e sistemas de armas que implantaram no Afeganistão para o Indo-Pacífico no futuro.”

Um oficial da US Navy, que pediu anonimato, disse ao jornal *South China Morning Post* que parte do equipamento, incluindo caminhões militares e enormes ativos não letais, seria doado a organizações locais no Afeganistão, enquanto armas sofisticadas, como jatos de combate e sistemas de mísseis, seriam enviadas para bases americanas não especificadas.

De acordo com a Marinha dos EUA, o grupo de ataque do porta-aviões *Ronald Reagan* substituirá o grupo do USS *Dwight D. Eisenhower*, que opera no Oriente Médio desde abril e está em sua segunda viagem no período de um ano.

Zhou Chenming, pesquisador do instituto de ciências militares Yuan Wang, com sede em Pequim, disse que após a missão de retirada do Afeganistão, o porta-aviões *Ronald Reagan*, baseado em Yokosuka, no Japão, deveria retornar à região, mas não seria um ameaça ao Exército de Libertação Popular chinês, a menos que o porta-aviões de nova geração USS *Gerald Ford* também fosse implantado.

O primeiro porta-aviões classe Ford, equipado com as tecnologias mais avançadas do mundo, como os sistemas eletromagnéticos de lançamento de aeronaves (EMALS, *Electromagnetic Aircraft Launch System*), concluiu com sucesso o primeiro evento de teste explosivo programado como parte de um “teste de choque de serviço de campo” (FSST, *Field Service Shock Test*) na sexta-feira, conforme mostrado em um vídeo postado na conta do Twitter da US Navy.

“A China realizou FSST para seus navios de guerra de superfície de pequeno e médio porte, mas nenhum de seus grandes navios de guerra, tais como os porta-aviões *Liaoning* e *Shandong*, fez o teste explosivo até agora”, disse Zhou, acrescentando que especialistas navais, analistas e oficiais militares e estaleiros

chineses estavam prestando muita atenção ao teste explosivo da marinha dos EUA com o porta-aviões *Gerald Ford*.

“O FSST envolve muitos problemas técnicos e arranjos sutis que exigem anos de planejamento. A próxima aeronave de nova geração da China com sistemas de catapulta eletromagnética semelhante também irá precisar de um FSST e pode se beneficiar com a experiência do teste explosivo do USS *Gerald Ford*.

A US Navy realiza seus testes de choque envolvendo a detonação de cerca de 18 toneladas de explosivos vivos – registrados pelo US Geological Survey como um terremoto de magnitude 3,9 pontos. O objetivo é testar se os novos projetos de navios de guerra podem continuar a atender aos exigentes requisitos de missão sob condições adversas que os navios de guerra podem encontrar em batalha.

Foi o primeiro FSST de um porta-aviões da Marinha dos EUA em mais de três décadas, disse a US Navy. O último navio a ser submetido a esse tipo de teste explosivo foi o USS *Theodore Roosevelt* em 1987.

Traduzido e adaptado de artigo publicado no South China Morning Post.

***Albert Caballé Marimón** possui formação superior em marketing. Depois de atuar trinta e sete anos em empresas nacionais e multinacionais, dedica-se à atividade de pesquisador nas áreas de História Militar, Defesa e Geopolítica. É fotógrafo e editor do site *Velho General*. Já atuou na cobertura de eventos como a Feira LAAD, o Exercício CRUZEX, a Operação Acolhida, o Exercício Treme Terra e proferiu palestras na AFA (Academia da Força Aérea). É colaborador do USNI (US Naval Institute) e do Canal Arte da Guerra.
